

Economia Solidária: democracia e conflitos entre iguais

Paul Singer

Economista e professor titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, e Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego. O professor Singer participou do Seminário Cultura Viva, no Sesc Vila Mariana no dia 6 de abril, onde debateu o tema "Economia Solidária como uma nova cultura econômica".

Esse tema é importante e absolutamente adequado a algo relacionado aos Pontos de Cultura. Cultura e Economia Solidária devem ter alguma coisa a se dizer mutuamente.

A cultura econômica dominante, obviamente, é a cultura econômica capitalista. E isso não quer dizer que todos os brasileiros ou a grande maioria deles, comungue dessa cultura. Mas ela é importante. É a que é ensinada nas nossas escolas e também a que, subjacente, não muitas vezes consciente, influi sobre o noticiário, sobre as interpretações, debates e sobre a economia em nosso país. Portanto, é uma cultura de poucos, provavelmente apenas de economistas, e talvez de alguns empresários. Mas não há dúvida que tem uma influência grande.

A cultura econômica capitalista tem por base o individualismo. Pensando cultura como um conjunto de valores que organizam uma interpretação ou visão do mundo. É exatamente essa visão de mundo que calça a cultura econômica capitalista, a do individualismo. O que significa isso? Em primeiro lugar, que a sociedade é composta por indivíduos. Isso pode parecer óbvio, mas é o contrário disso porque, de fato, a sociedade é composta por indivíduos agrupados. Nenhum homem é uma ilha, mas na cultura econômica capitalista esse fato é abstraído e o indivíduo é o portador do progresso, é o empreendedor, o agente econômico que, pelas suas iniciativas, que devem ser as mais livres possíveis, leva ao progresso.

A idéia básica é que a sociedade compõe-se de indivíduos que se encontram economicamente num espaço chamado mercado, um espaço livre. E por que livre? Em primeiro lugar porque a entrada e a saída dele é livre. Quem quiser deixar de negociar no mercado, pode deixar de fazê-lo a qualquer momento. Mas a sua liberdade está calçada num pressuposto que é a da igualdade entre os indivíduos que entram no mercado. A idéia da livre concorrência do mercado é que nenhum dos indivíduos¹ que compete nele têm poder suficiente para alterar preços. Os preços flutuam de acordo com o que a maioria dos indivíduos acaba decidindo fazer. Ou seja, se nenhum dos competidores tem poder sozinho de se impor à maioria, ou a uma boa parte dos outros competidores, é porque todos eles são basicamente iguais. E é essa igualdade que sustenta a liberdade de mercado.

O sujeito dessa liberdade econômica, da liberdade de iniciativa, é o indivíduo, enquanto agente de mercado. E o mercado é o espaço de um jogo em que os melhores vencem e os piores são derrotados. Ou seja, a divisão permanentemente refeita da sociedade entre ganhadores e perdedores é o resultado natural do jogo do mercado. É um jogo limpo, é um jogo que todos entram com as mesmas possibilidades e dependem do empenho, da inteligência, da sorte, do conhecimento, da experiência, entre outros fatores, onde cada um se sai melhor ou pior, nesse jogo recomeçado todo dia.

Deste ponto de vista - e isso é o mais importante, talvez -, de acordo com essa cultura econômica capitalista, a desigualdade é o resultado natural da justiça. Seria a justiça que, de certa forma, divide a sociedade entre os que, pelo seu próprio mérito, são os melhores e, conseqüentemente, vencem no jogo do mercado e os outros, que perdem no jogo do mercado, são expulsos dele e a partir daí têm de ganhar a vida como empregados dos "melhores". Ele vence servindo melhor os outros. Os indivíduos seriam egoístas e racionais. Usam sua racionalidade para satisfazer a si próprios, mas fazendo isso, são obrigados, antes de mais nada, a satisfazer os seus clientes. Então, os melhores são os que servem aos outros melhor.

Uma das conseqüências dessa visão de que a desigualdade é que é a justiça, e não o contrario, é que qualquer medida contra a desigualdade, qualquer medida que tire dos que têm

Mais e dê aos que têm menos, é um desincentivo ao progresso econômico. Porque ele pune os melhores e premia os piores. Essa cultura baseia-se na "meritocracia" e nada pior para meritocracia do que invertê-la, ou seja, fazer algo em prol dos que merecem menos, dos que têm menos mérito em detrimento dos que têm mais.

A Economia Solidária é uma reação, não a essa cultura, mas à sua prática. Ela começa por uma visão "coletivista". Obviamente o coletivo é composto de indivíduos que são desiguais. Só que quando eles se compõem em coletivos - família, comunidade, associações de toda natureza, cooperativas, e assim por diante - esses indivíduos se completam, não há melhores ou piores. Todos são importantes. Essa é a base da Economia Solidária. O progresso, o avanço e os logros que a sociedade consegue no campo econômico é sempre o resultado do esforço coletivo, em que mesmo os piores, ou os mais fracos, também contribuem. E sua contribuição é igualmente imprescindível. Portanto, a igualdade é um valor ético primordial. Não importam as diferenças entre as pessoas, todos são igualmente necessárias se você tomá-las como conjunto. Essa é lógica da Economia Solidária, da ajuda mútua, da cooperação, do fazer junto. Essa ética e essa cultura, em grande medida se somam. Ela tem profunda desconfiança do mercado, porque não vê o mercado como livre, mas como arena dominada pelos que ganharam no passado e acumularam capital. Os mercados são, portanto, injustos e viciados a favor dos que já ganharam e viciados contra os que perderam, ou os que nunca tiveram oportunidade neles.

Então, a desigualdade que os mercados produzem mecanicamente pela lógica do seu proceder, não é justiça, é injustiça. E a concorrência, a competição (que na cultura dominante é o grande valor) é o que dá liberdade ao consumidor endinheirado ao empresário, ao banqueiro para ganhar ainda mais, às custas dos pobres, que não têm recursos para enfrentá-los.

Na Economia Solidária a competição é vista como profundamente negativa, é uma luta em que uns procuram destruir os outros, e que pode ser perfeitamente substituída pela colaboração, pela cooperação e pela solidariedade. Isso coloca problemas, porque ao mesmo tempo que essa cultura econômica é contra a competição, ela é a favor da democracia. É possível pensá-la como democracia na economia. Na situação em que os países democráticos capitalistas se encontram hoje, a democracia está restrita, em última análise, ao campo da política. Na economia, não há democracia na medida em que a propriedade privada das empresas se concentra em poucas mãos. Dentro das empresas a autoridade dos capitalistas sempre prevalece. A Economia Solidária visa a uma economia em que a democracia esteja sempre presente. A auto-gestão é exatamente a democracia. Cada participante de uma cooperativa, de uma associação, tem um voto. As coisas muitas vezes se decidem em assembleias. Se não é possível fazer assembleias porque o número de sócios é grande demais, se faz referendos. A democracia só funciona se há competição. Isso é claro. Basta pensar em qualquer eleição, seja em grêmios escolares, em sindicatos, dentro de partidos políticos, e assim por diante, em que há chapa única. Para começar, a chapa única faz com que a grande maioria dos cidadãos, que devem votar, não vote porque é desnecessário. Além do mais, ela desestimula tudo aquilo que você espera que a democracia traga: a diversidade, a formulação de opções diferentes, a possibilidade de por meio do debate chegar a maior entendimento, a maior inteligência, a maior capacidade de alcançar os fins comuns. Portanto, a competição é essencial à democracia. A diversidade também.

Então, a cultura econômica da Economia Solidária é contraditória. Mas isso não a impossibilita, desde que se reconheça que isso deve ser assim: a cooperação não exclui a diversidade de opiniões, crenças e preferências. A diversidade leva à competição pelo apoio da maioria. A Economia Solidária é cheia de conflitos entre iguais. E esses conflitos decorrem de uma forte densidade afetiva que caracteriza a Economia Solidária. Também neste aspecto ela se opõe, e é completamente diferente da cultura capitalista. Nesta, as relações econômicas devem ser impessoais. É condenável favorecer alguém. Se o gerente de uma grande empresa, ou qualquer entidade que tenha uma posição de poder econômico, favorece aqueles que interessam



Cadena de montaje.

Fuente: [Http://www.claseshistoria.com/entreguerras/imagenes/%2Bfabricaford.jpg](http://www.claseshistoria.com/entreguerras/imagenes/%2Bfabricaford.jpg)

Um teórico importante da Economia Solidária, Marcos Arruda, a chama de "a economia do amor".

mais - seus parentes, seus filhos, amigos, amigos dos amigos - isso é considerado uma quebra da ética. Na Economia Solidária é o contrário. As pessoas devem se gostar. Não somos autômatos, não dá para colaborar, sem ter afeição pelo outro, a quem ajudamos e que no momento seguinte nos ajuda. Você tem que ter paciência com os erros, ou com o quê parece a você serem erros. Tem que haver muita afeição. E ela existe, como efeito da ajuda mútua. O que dá lugar a inveja, ciúmes, dificuldades a serem superadas, que têm

muitas vezes origens subjetivas. Não é incomum empreendimentos solidários acabarem por se dividir, em função de conflitos que não puderam ser conciliados. Não se trata de dizer que Economia Solidária seja o paraíso na terra, e a outra o inferno. Não são. É preciso pontuar em que medida essas duas culturas, se traduzem na prática e vivem suas contradições. Um teórico importante da Economia Solidária, Marcos Arruda, a chama de "a economia do amor". Faz parte da felicidade humana poder amar e ser amado. Isso se dá no trabalho, na família, com pessoas que têm prazer em estar juntas, e não o contrário. Isso é exatamente o oposto do que supõe, não só a ética econômica capitalista, mas também a ética, por exemplo, do serviço público.

Há uma enorme polêmica a respeito do nepotismo. A crítica ao nepotismo é pertinente. Não é aceitável que juízes, deputados, senadores e outros se cerquem de pessoas para favorecer com recursos públicos. Porém, é preciso entender que, quando se faz política, quando se está empenhado em lutas com bastante frequência, ter colaboradores de que se goste e que gostem de você, colaboradores em que se pode confiar, inclusive quando cometem erros, isso é muito importante.

Por isso, chamar o filho ou o irmão, não deveria ser objeto de estranheza desde que, evidentemente, a pessoa tenha as qualificações e a capacidade de exercer a função. Por outro lado, as oportunidades de se empregar no serviço público têm de ser abertas a todos e disputadas em concursos. O nepotismo o favorecimento injustificado a parentes e amigos viola a democracia e tem de ser proibido.

Mas há uma parte da cultura econômica da Economia Solidária que se preocupa não só com o mercado, a produção e a repartição da renda, mas também com o consumo. Há a idéia de que o consumidor ao comprar certos produtos está escolhendo no mercado um certo tipo de empresa, e portanto, um certo tipo de organização econômica. Esses companheiros se empenham em tentar convencer o público a só comprar produtos que sejam eticamente aceitáveis, seja em termos sociais, seja em termos ambientais. Esta é a plataforma de um movimento concreto e que já tem certa expressão. Existe tanto na Europa, por meio do chamado comércio justo, como também em nosso país. E ainda há um potencial de crescimento. Mas mesmo dentro da própria Economia Solidária há os que não apostam nisso. E as razões parecem boas. Se as opções de mercado se politizam, isso atrai os consumidores não pelo que lhes é dado, mas pelo que o produtor é. Introduce-se um elemento que falseia a competição. É possível apresentar produtos inferiores a preços altos só porque não há exploração, ou porque não há agressão à natureza. No campo da cultura da Economia Solidária há diferentes visões, e isso também é importante.

¹ A teoria econômica liberal inclui entre os "indivíduos" empresas, porque elas são propriedades de indivíduos (isolados ou associados). Cada empresa, supõe-se, age no mercado de acordo com a lógica individual de quem a possui.